

DALL'AGNOL, Darlei. **Bioética**. 1. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005. 58p. ISBN 85-7110-835-8

Jéssyca Conceição Araújo Cavalcante¹

O autor Darlei Dall'Agnol é formado em Filosofia pela Universidade de Caxias do sul (UCS) e cursou mestrado em Filosofia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), com uma dissertação sobre ética e linguagem em Wittgenstein; fez Doutorado em Filosofia (PhD) na Universidade de Bristol, Inglaterra, defendendo tese sobre valor intrínseco na ética de Moore. Publicou vários livros na área de Ética e possui inúmeros artigos e capítulos de livros publicados no Brasil e no exterior (Inglaterra, Estados Unidos, Alemanha, Áustria, Portugal). Algumas das obras desse autor são: *Ética e Linguagem: uma Introdução ao Tractatus de Wittgenstein*, *Valor Intrínseco – Metaética, ética normativa e ética prática em G. E. Moore*, ambas com publicação em 2005.

A presente obra divide-se em quatro seções, nas quais o autor irá discorrer acerca da bioética, discutindo sobre seu nascimento, seus princípios, aplicações dos princípios e sobre os problemas e perspectivas. Na introdução, o autor nos localiza sobre a corrente predominante na bioética, que seria o princípalismo no qual trabalha a partir de princípios, isto é, de normas gerais de ação, que foi influenciado pelo utilitarismo. De acordo com essa corrente, há vários princípios a serem seguidos: a autonomia, a não-maleficência, a beneficência e a justiça.

Na primeira seção, ele expõe como surgiu o termo bioética, e seu nascimento em geral. O mesmo foi usado pela primeira vez por V.R Potter em 1977 para defender a ideia de que a ciência e a tecnologia estavam destruindo as condições humanas. A bioética nasceu como uma tentativa de pensar a vida como um todo, sem separá-la da ciência e da tecnologia.

O autor aponta outro fato importante para o surgimento da bioética. Foi a criação de uma comissão por parte do congresso norte americano para investigar experiências com seres humanos. O resultado dessa comissão foi divulgado em 1978 e é conhecido como Relatório Belmont. Segundo esse relatório, os princípios morais que devem ser seguidos são: o respeito pelas pessoas, o bem estar deve ser promovido (beneficência) e a justiça (igualdade). A bioética desenvolveu-se bastante como área de conhecimento independente, porém tornou-se particularmente importante nas ciências relacionadas com a vida humana.

Na segunda seção do livro, o autor vai abordar os princípios básicos da bioética, explicando cada um. São quatro princípios fundamentais: o respeito a autonomia, a beneficência, a não-maleficência e a justiça. Em relação ao respeito á autonomia, ele afirma que é o sujeito que calcula os meios necessários para atingir um fim e para escolher o que for melhor para ele, podendo assim, agir livremente. Colocando esse princípio na prática médica, o profissional tem que respeitar a autonomia do paciente, não podendo agir contra a sua vontade, e também não tomando decisões por ele, quando o paciente ainda for capacitado para tal atividade.

Sobre a não-maleficência, o autor afirma que é o princípio que preza, em primeiro lugar pelo não ocasionamento de danos ao paciente; ora, se não pode curá-lo, pelo menos não lhe cause mal algum. A respeito do que seja dano, as regras são: não matar; não causar dor ou sofrimento; não incapacitar os outros. Colocando esse princípio na prática médica, se um paciente estivesse em doença terminal nesse caso, seria melhor deixar ele viver os restos dos dias como quiser. Logo em seguida, ele trata sobre o princípio de beneficência, a respeito dele o autor afirma que se preza em fazer o bem aos outros e agir em prol deles. Algumas regras foram criadas a partir desse princípio como, proteger e defender os outros e

¹ Graduanda em Filosofia/UFPI; Bolsista do PET Filosofia/UFPI.

ajudar quando alguém estiver em perigo. A beneficência pode se diferenciar em geral e específica. A beneficência geral é direcionada a todas as pessoas, já a beneficência específica está relacionada com as pessoas com as quais se mantém relações especiais, por exemplo, familiares, etc.

O último princípio a ser apresentado é o da justiça. O autor expõe duas formas de justiça, a formal e a material, na qual a formal é tratar as pessoas iguais de forma igualitária e os desiguais diferentemente, por exemplo na distribuição de um bem qualquer. Se não existirem considerações que justifiquem uma partilha desigual, o princípio formal da justiça exige que ele seja repartido igualmente. Enquanto o princípio material preza pela necessidade ou pelo mérito de cada um. Para o principialismo no qual estabelece os fundamentos para a bioética, o gênero, a raça, a nacionalidade, etc, não são critérios que podem definir a distribuição de bens, e de saúde. Esse princípio preza pela igualdade e pelo direito de todos.

Na terceira seção, o autor apresenta as aplicações dos princípios. Nessa seção ele irá discorrer sobre os temas: início da vida, meio da vida e o fim da vida. Acerca do tema "início da vida", ele vai abordar principalmente sobre o aborto, mostrando os prós e contras. Em prol ele destaca que o mundo está superpovoado, e que os métodos contraceptivos devem ser usados para controlar a natalidade; nesse caso, se aplica o princípio da beneficência, na qual é preciso haver condições para sustentar e manter uma vida. Por um lado, o princípio da não-maleficência proibiria o aborto, pois quando o córtex cerebral se forma, o feto sentiria dor, e esse princípio da não-maleficência não permite essa prática de causar dor. Porém, ainda tem o princípio do respeito a autonomia, de a mulher querer ou não ter o seu filho.

Depois o autor trata a respeito do meio da vida. Nesse tópico, ele discorre sobre os meios necessários para se ter uma boa qualidade de vida. E levando isso em conta, atender as necessidades básicas parece derivar do princípio da justiça, pois haveria uma igualdade de bens. Outro ponto importante é não causar nenhum dano pela falta de assistência básica, a beneficência e a não-maleficência derivam dessa ideia. O importante é cuidar do presente, pensando no futuro.

E por último, ele trata sobre o fim da vida. Nesse tópico ele começa discutindo sobre o suicídio, e sobre o princípio que permite esse ato, que seria a autonomia do sujeito, ou seja, ele decide se quer viver ou não; o mesmo caso é sobre a eutanásia, a pessoa tem livre escolha para decidir. A eutanásia se divide em ativa e passiva, a ativa é o ato deliberado de provocar a morte de alguém, e a passiva é quando a morte acontece, sem ser impedida. Alguns principialistas defendem uma atitude mais liberal quanto a eutanásia, pois os princípios de autonomia e justiça aprovam essa atitude.

Na última seção do livro, o autor vai discorrer sobre os problemas e perspectivas da bioética. Uma das principais críticas ao principialismo é afirmar que é uma teoria muito formal, as normas básicas seriam amplas demais, sem conteúdo. Nessa seção, pode-se pensar sobre o valor da vida, sobre como ela é tratada nos dias atuais, por que a ciência e a tecnologia crescem cada vez mais, portanto, é preciso haver uma reflexão ética sobre a ciência e a técnica, que é um dos desafios da Bioética.

Essa obra nos introduz a respeito do que seja a bioética, mostrando seus principais princípios de acordo com a corrente do principialismo de forma clara e objetiva, que nos proporciona um fácil entendimento acerca do assunto.